

A SOBREVIVÊNCIA DA ALMA E A ASCENSÃO MORAL EM SÓCRATES

Luiz Fernando Bandeira de Melo

Proposta de Sócrates

- *A inovação da religiosidade;*
- *Iniciação filosófico-religiosa pelo élenkhos.*
- *Mudança do gênero de vida;*
- *Busca de um futuro melhor para a alma no além-túmulo;*
 - *Amor à sabedoria.*

**Encontro Nacional da
Liga de Pesquisadores
do Espiritismo**



INTRODUÇÃO

Sócrates foi precursor do pensamento contemporâneo da sobrevivência da alma e suas consequências morais? Sim. Sustento interpretações das falas de Sócrates e Platão, onde ambos afirmaram ideias inexoráveis da imortalidade e transmigração da alma, e a comunicação entre vivos e mortos. Alinho-me ao comentário de Alberto Bernabé: “para Platão, a hipótese da imortalidade da alma é inseparável das suas implicações morais” (BERNABÉ, 2011, p.163). Implicações que conduzem o homem à ascensão moral sustentada por ações transformada pela prudência e temperança.



INTRODUÇÃO

Vamos, antes, definir uma questão textual. As citações propostas aqui se referem ao pensamento de Sócrates ou de Platão? Kardec se refere a ambos na Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, e ainda, Alberto Bernabé define na Introdução de *Platão e o Orfismo* que, “para todos os efeitos, ‘Platão’ se referirá aos conteúdos dos diálogos do *corpus Platonicum*, incluindo os espúrios, e outra, que, não tratarei de distinguir o que devemos atribuir o que o personagem Sócrates diz neles ao Sócrates histórico ou a Platão” (BERNABÉ, 2011, p.22).

Mantenho a mesma postura de Kardec e Bernabé quanto a autoria das ideias, mostrando as citações literalmente.



INTRODUÇÃO

Em pesquisadores da Antiguidade ocidental, encontramos a emancipação no período clássico grego de um novo padrão ético-religioso, como cita Dodds em *Os Gregos e o Irracional*, apontando uma prática religiosa diferente:

“Ao lado da velha crença em mensageiros divinos que se comunicam com os homens através de sonhos e visões, surge também, em alguns escritores do período clássico, uma nova crença, relacionada a experiências de um poder humano, oculto e inato.” (DODDS, 2002, p.139).

Observando esse cenário, pautamos esta investigação na inovação filosófico-religiosa apresentada por Sócrates em relação ao panteísmo ritualístico condicionado às consultas oraculares e adivinhações.



INTRODUÇÃO

Neste embate Sócrates equaciona questões propondo uma mudança no gênero de vida do homem, com mais temperança e equilíbrio para suas ações, que o conduziriam a uma vida após a morte sem as intempéries dos castigos previstos por seus antepassados.

Por essas razões questionamos:

- É possível ver na missão de Sócrates fundamentos que caracterizavam uma nova religiosidade?
 - Que missão divina assumiu Sócrates?
- Por que o filósofo entendia como ascensão moral o conhecimento sobre a sobrevivência da alma?

Assim, não pretendemos apresentar um padrão interpretativo linear e rígido, mas fundamentos sobre as propostas socráticas.



Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo

Influência órfico-pitagórica

A imortalidade da alma não foi um princípio exclusivo de Sócrates, já se encontrava no *Livro dos Mortos*, – a escrita considerada mais antiga da humanidade. Anotamos também a preocupação com o futuro da alma entre os indianos, desde os primeiros dos hinos *Vedas, o Reg-Vedas*.



Influência órfico-pitagórica

No prefácio de *O Livro dos Mortos*, cujo verdadeiro nome era *Saída para o Dia (a Luz)*, Luiz Carlos Teixeira de Freitas comenta que aquele texto foi “destinado a guiar a alma do defunto pelo Além”.

No capítulo primeiro encontra-se a orientação sobre o que as almas devem pronunciar no momento da separação do corpo que morre.

O segundo capítulo tem como subtítulo “Para reviver depois da morte”. Assim, todo seu conteúdo descreve o comportamento que a alma deve ter em sua vida imortal após abandonar o corpo. (NEGRAES, tradutora. 2005, p. 12).



Influência órfico-pitagórica

Mircea Eliade destaca esse conhecimento como oriundo da antiguidade:

Foi em ambientes semelhantes a esses que se desenvolveram, na Grécia, as práticas e as concepções religiosas conhecidas pelo nome de *orfismo*. A crença na imortalidade e a certeza da beatitude da alma desencarnada conduzem, em certas tribos trácias, a uma exaltação quase mórbida da morte e à depreciação da existência. Os transos lamentavam-se por ocasião do nascimento de uma criança, mas enterravam seus mortos num clima de alegria.

(Heródoto, V, 4 – ELIADE, 2011, p.156 – volume II).



Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo

Influência órfico-pitagórica

No período socrático a doutrina órfico-pitagórica prescrevia rituais apropriados, conhecidos como ritos de mistérios, para os homens cuja alma, segundo seus parâmetros, ainda não estava depurada de suas imperfeições. Tais rituais alegavam as transmigrações sucessivas em vidas que a alma percorria num ciclo de retornos a outros corpos, como castigo pelos erros praticados contra os deuses panteônicos.



Influência órfico-pitagórica

Charles H. Kahn deixa claro a inovação em Sócrates e Platão: “Para a nova visão de mundo de Platão, seu único aliado seria a doutrina órfico-pitagórica da reencarnação, com seu ensino associado de que estamos mortos nesta vida, enterrados ou aprisionados no corpo, mas destinados a uma existência mais divina” (KAHN, 1996, p.67).

O autor esclarece ainda que a audiência e o ambiente conservador ateniense, não estavam preparados para entender tudo sobre a transmigração da alma sob a ótica da proposta socrática.



Influência órfico-pitagórica

As especulações sobre a sobrevivência da alma e sua transmigração, a ideia do corpo como prisão da alma, a teoria da reminiscência e os mitos escatológicos são alguns pontos que traduzem de forma convincente a paridade ideológica de Sócrates e Platão com os órficos e os pitagóricos.

Alberto Bernabé diz ser Platão a principal fonte que possuímos, da época clássica, para o conhecimento do orfismo “as referências de Platão são imprescindíveis para a reconstrução da literatura e da religião órficas na época clássica” (*BERNABÉ, 2011, p.16*).



Influência órfico-pitagórica

A tradição órfico-pitagórica mostrou uma preocupação com a 'salvação' da alma no além-túmulo através de rituais e 'senhas'. Já Sócrates sugeriu mudança de comportamento ainda em vida, e conseqüente ascensão moral, para aquela 'salvação'.

Thomas M. Robinson expressa: “O que fica imediatamente claro na *Apologia* é a noção do dever de cuidar da alma e de tentar fazê-la tão boa quanto possível. É uma noção extraordinária e, para John Burnet, constitui o núcleo do ensinamento de Sócrates”. (ROBINSON, 2010, p.64).



Influência órfico-pitagórica

Consideramos ainda que as passagens platônicas não eram vinculadas a uma iniciação religiosa a exemplo dos ‘mistérios de Êleusis’ ou às iniciações órfico-pitagóricas que davam acesso a textos e ritos condicionantes para a alma ultrapassar os portões do Hades, através de ‘senhas’(*). Pelo contrário, Sócrates direciona o homem a uma mudança de comportamento compatível com a de um filósofo, cujo gênero de vida estava mais adequado não apenas para obter um bom lugar no Hades, mas, para estar pronto para uma vida mais feliz, devido à prudência moral vivenciada antes de sua morte.

(*). Ver NUNES SOBRINHO, Rubens Garcia. (2007). *Platão e a imortalidade: mito e argumentação*. Uberlândia: EDUFU



Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo

O *daimon* (δαιμων)

Sócrates mantinha interação com uma voz tida como seu *daímon* – ‘divindade’, ‘espírito’, ou ‘intermediário divino’. Tal particularidade proporcionou aos atenienses a ideia nova da ajuda dos deuses ao homem, até então manifestada pelas tradições de religiosidade, por pitonisas, chresmólogos e adivinhos.

Lembramos que o fenômeno apontado por Platão (a voz que Sócrates ouvia), é idêntico às características do *médium audiente* mencionado por Kardec na questão 165 de *O Livro dos Médiuns*. (KARDEC, 2005a, pp.241 a 242).



O *daimon* (δαιμων)

É necessário observar a diferença entre adivinhos e os *chresmólogoi*. Os adivinhos interpretavam nuvens e vísceras de animais mortos. Os *chresmólogoi* interpretavam os oráculos ditos pelas pitonisas, que os professavam mediunicamente (sob possessão). Destacamos que tanto adivinhos como *chresmólogos* eram personagens de grande influência na opinião pública da Grécia antiga. (Ver mais em Flower (2008), p. 2 e 58).



O *daimon* (δαιμων)

A expressão aposta no frontispício do templo de Delfos, *Conhece-te a ti mesmo*, adotada por Sócrates como modo peculiar de filosofar, oportunizava exercer uma introspecção em busca do conhecimento prático das relações entre os homens, e estes com os deuses. As interferências do *daímon* durante suas interlocuções sugeriam uma chance de modificar, para um possível melhor fim, as próprias ações ou daqueles que com ele conversavam. Sócrates apresentou essa ideia comportamental inovadora de “ouvir um *daímon*”, como possibilidade para o homem ser induzido a ações mais conscientizadas e prudentes do fazer o bem a si mesmo e ao próximo.



O *daimon* (δαιμων)

O *daímon* se fez presente de maneira ininterrupta junto ao seu protegido Sócrates, como percebemos nos diversos textos de Platão e Xenofonte. *Crátilo* há uma definição para o termo, creditada por Sócrates a Hesíodo: “São chamados de *daimones* sagrados sob a Terra, **Nobres**, aqueles que afastam o mal, guardiões dos seres humanos mortais. (PLATÃO, 2010, p.60).

Antonio Tovar em *Vida de Sócrates* diz: “De uma maneira radicalmente nova, Sócrates reconhece o caráter religioso desta força interior, e se vê com um *daímon* novo, de outro mundo que é o dos velhos deuses”. (TOVAR, 1953, p.253).



O *daimon* (δαιμων)

Historicamente, segundo Timotin, verificamos que estava “o δαιμων muitas vezes ligado à época arcaica e clássica, à uma esfera das divindades do destino, quando não é ele mesmo o destino” (TIMOTIN, 2012, pp.14/15).

Nesta conotação, o *daímon* assume o papel de um orientador que já sabe algo sobre o possível devir do homem e o ajuda a tomar decisões coerentes com sua ascensão, principalmente moral. É um intermediário divino que favorece um fim melhor para as atitudes individuais, vinculando-as a uma elevação moral.



O *daimon* (δαιμων)

Em *Axíoco*, Sócrates sentencia: “Aqueles que, durante a vida, ouviram a inspiração de um bom *daímon* são destinados ao lugar dos piedosos”.

O filósofo não ouvia apenas os conselhos do *daímon*, mas principalmente, transmitia-os para o bem dos seus interlocutores, revelando na prudência e temperança as melhores virtudes do agir.



O *daimon* (δαιμων)

Sócrates faz uma apologia ao seu *daímon* no *Teages*, e mostra como a voz do seu “amigo espiritual” ajuda-o a orientar pessoas que estão próximas:

“Ocorre em mim, por favorecimento dos deuses, desde minha infância, um fenômeno divino. Trata-se de uma voz que quando se manifesta sempre me orienta no sentido de desviar-me do que estou na iminência de fazer, embora essa voz jamais me indique qualquer coisa. Ora, se algum de meus amigos vem a mim com algum projeto e me consulta e a voz se manifesta, sucede o mesmo: ela me desvia e proíbe minha ação.”
(PLATÃO, 2011, pp.175 e 176).



Últimas considerações

Por conta da sua fraqueza moral o homem requer uma intervenção divina, ou seja, “de tempos em tempos, um abalo físico ou moral que o transforma” (Q.783 de *O Livro dos Espíritos*).

Vejo, portanto, na interferência *daimônica*, uma ajuda ao esforço para a transformação moral dos interlocutores de Sócrates.

“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”. (*E.S.E., cap.XVII, it.4*).



Últimas considerações

Entendemos que Sócrates, conhecedor da sobrevivência da alma e do seu processo reencarnatório, se prontificou tornar mais equilibrado o estado emocional e moral do homem, consolando-o com seu método dialético característico, o *élenkhos*, que possibilitava uma reflexão catártica, a indubitável 'iniciação', que conduzia o interlocutor a refletir sobre sua possível, 'nova maneira de agir', ou seja, olhar novas percepções que o levassem a uma alteração em seu gênero de vida com o propósito de obter melhores condições para sua alma após a morte do corpo, isenta dos castigos que levavam a dos profanos, a infinitos e punitivos atos repetitivos.



Últimas considerações

Sócrates não estava imbuído apenas em buscar a verdade sobre as essências das virtudes, mas, sobretudo, no propósito de levar aos atenienses uma reflexão sobre o comportamento mais compatível com os ensinamentos dos deuses – os *daimones*, ou melhor, os espíritos amigos.

Nos diálogos legados por Platão, encontram-se ensinamentos de conduta que fomentam o acesso às divindades(*) pela busca da melhoria nas ações cotidianas, em benefício aos seus interlocutores, não só os livrando de atitudes que os conduzissem a prejuízos físicos ou materiais, mas, principalmente que os conduzissem à inevitável evolução moral.

() Utilizamos o plural “divindades” considerando o respeito de Sócrates ao panteão grego, afluído em diversos diálogos platônicos e xenofônicos.*



Últimas considerações

A doutrina de Sócrates induzia o homem à necessidade de viver dignamente para obter um porvir razoável no além-túmulo. Nesta reflexão, o filósofo mostrou que a vivência da alma antes da morte corporal, é contemplada apenas com um tempo mínimo, e que exige o melhor de nossas ações para a ascensão moral. Assim ele esclarece no *Axíoco*:

“Não compreendes que a vida é um efêmero exílio que deve ser vivido decentemente para depois seguir o destino ao menos resolutamente, senão celebrando com peãs? Mostrar-se tão fraco e resistente a ser arrancado da vida é algo pueril e indigno de um homem razoável.”
(PLATÃO, 2011, p.293).



Últimas considerações

As lições deixadas por Sócrates foram de inefável amor ao próximo, com sacrifício de sua própria vida, pois não atendeu aos assédios para se subtrair da condenação a que foi subjugado, com defesas materiais lhe oferecidas por amigos. Atitude esta, condizente com o que preconizava: a certeza de uma sobrevivência da alma sem castigos, conseqüente à conduta ilibada e prudente, exemplo que foi de sua própria obra, direcionada a um fim único, o bem dos seus semelhantes.



Últimas considerações

Após essas reflexões observamos na proposta de Sócrates, além da inovação da religiosidade, a busca da essência das virtudes e, principalmente, a ajuda aos semelhantes para uma conduta prudente e temperante.

Logo, a sobrevivência da alma, a certeza de sua transmigração e a atenção aos conselhos *daimônicos*, geram a consequência de um novo gênero de vida que objetiva a melhoria para a alma no além-túmulo.

Esta é a ascensão moral que atribuímos à Doutrina de amor legada por Sócrates.



Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo

Referências Bibliográficas

- ARISTÓFANES. (2004). *As Vespas – As Aves – As Rãs*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Comédia Grega – Volume. II).
- BERNABÉ, Alberto. (2004). *Textos órficos y filosofía presocrática*. Madrid: Trotta.
- _____. (2011) *Platão e o orfismo – Diálogos entre religião e filosofia*. Tradução de Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Annablume.
- BERNABÉ, Alberto; CASADESÚS, Francesc (Coords.). (2008). *Orfeo y la tradición órfica – Un reencuentro*. Dois Volumes. Madrid: Akal.
- BERNABÉ, Alberto, KAHLE, Madayo e SANTAMARÍA, Marco Antonio (Eds.). (2011). *Reencarnación – La transmigración de las almas entre Oriente y Occidente*. Dois Volumes. Madri: Abada Editores.
- BRANDÃO, Junito de Souza. (2009). *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes. Três Volumes.
- BRIDGMAN, Timoty P. (2005). *Hyperboreans – Myth ans Vhistry in Celtic-Hellenic Contacts*. New York: Routledge.
- BURKERT, Walter. (1991). *Antigos Cultos de Mistério*. Tradução de Denise Bottaman. São Paulo: EDUSP.
- _____. (1993). *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CÍCERO, Marcos Túlio. (2014). *Discussões Tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Basseto. Uberlândia: EDUFU.
- CORNELLI, Gabriele. (2011). *O pitagorismo como categoria historiográfica*. Coimbra: CECH.



Referências Bibliográficas

- DELANNE, Gabriel. (1995). *O Espiritismo perante a Ciência*. Tradução de Carlos Imbassahy. Brasília: FEB.
- _____. (2010). *A Alma é Imortal*. Tradução de Luís Olímpio Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB.
- DENIS, Léon. (2002). *Depois da Morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (2004). *No Invisível*. Traduzido pela Editora FEB. Rio de Janeiro: FEB.
- DODDS, E. R. (2002). *Os Gregos e o Irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta.
- _____. (2002a). *Plato – Górgias. A revised text with introduction and commentary by E. R. Dodds*. New York: Oxford University Press.
- DOYLE, Arthur Conan. (2002). *História do Espiritismo*. Traduzido por Julio Abreu Filho. Rio de Janeiro: FEB.
- ELIADE, Mircea. (1995). *De La Zalmoxis La Genghis-Han*. Paris: Humanitas.
- _____. (2010). *História das crenças e das ideias religiosas*. Volume I – *Da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2011). *História das crenças e das ideias religiosas*. Volume II – *De Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2011a). *História das crenças e das ideias religiosas*. Volume III – *De Maomé à Idade das Reformas*. Rio de Janeiro: Zahar.



Referências Bibliográficas

- ÉSQUILO. (2004). *Os Persas – Electra – Hécuba*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Tragédia Grega).
- HALL, Manly P. (1939). *Reincarnation – The cycle of necessity*. Los Angeles, The Philosophers Research Society, Inc.
- HESÍODO. (2003). *Teogonia*. Tradução, introdução e comentários por Jaa Torrano, São Paulo: Ed. Iluminuras.
- _____. (2006). *Os Trabalhos e os Dias*. Tradução, introdução e comentários por Mary Camargo Neves Lafer, São Paulo: Ed. Iluminuras.
- HOMERO. (2002). *Odisséia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret.
- _____. (2003). *Ilíada*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret.
- JACQUEMARD, Simonne. (2007). *Pitágoras e a harmonia das esferas*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: DIFEL.
- JAEGER, W. (2003). *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira São Paulo: Martins Fontes.
- KAHN, H. Charles. (1996). *Plato and the Socratic dialogue – The philosophical use of a literary form*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (2007). *Pitágoras e os Pitagóricos – Uma breve história*. Edição brasileira realizada por intermediação da Agência Literária Eulama. São Paulo: Edições Loyola.



Referências Bibliográficas

- KARDEC, Allan. (2005). *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (2005a). *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB.
- McPHERRAN, Mark L. (1996). *The religion of Sócrates*. Pensilvânia: Pennsylvania State University.
- LAËRTIOS, Diôgenes. (2008). *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- LUCHE, James. (2009). *Pythagoras and the doctrine of transmigration: wandering souls*. Londres: Continuum Studies in Ancient Philosophy.
- MELO, Luiz Fernando Bandeira de. (2011). *A noção de religiosidade em Sócrates segundo alguns registros de Platão e Xenofonte*. Uberlândia: Faculdade Católica de Uberlândia.
- _____. (2018). *O Daimon, de Homero ao Sócrates do Teages*. Florianópolis: II Summer School – Archai.
- MICHAELIS. (1998). *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- MONDOLFO, Rodolfo. (1963). *Sócrates*. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou.
- MORA, José Ferrater. (2000/2001). *Dicionário de Filosofia*. Quatro Tomos. São Paulo: Loyola.
- NEGRAES, Edith de Carvalho (Tradutora). (2005). *O Livro dos Mortos do Antigo Egito – O primeiro livro da humanidade*. Brasil: Hemus.



Referências Bibliográficas

NUNES SOBRINHO, Rubens Garcia. (2007). *Platão e a imortalidade: mito e argumentação*. Uberlândia: EDUFU.

PLATÃO. (1970). *Górgias*. Tradução, apresentação e notas de Jaime Bruna sob a direção de J. Cavalcante de Souza. São Paulo: DIFEL.

_____. (1972). *Platão – Defesa de Sócrates*. Tradução de J. Bruna. São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores – Volume II).

_____. (1972a). *O Banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza, *Fédon, Sofista e Político*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores – Volume III).

_____. (2001). *Mênon*. Texto bilíngue, estabelecido e anotado por John Burnet; tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola.

_____. (2007). *Teeteto, Sofista e Pitágoras*. Tradução de Edson Bini. Volume I. Bauru: Edipro.

_____. (2007a). *Êutifron, Apologia de Sócrates e Críton*. Tradução, introdução, notas e posfácio de José Trindade Santos. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

_____. (2010). *Crátilo, Cármides, Laques, Ion, Menexeno*. Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro. (Platão Diálogos, vol. VI).

_____. (2011). *Diálogos Suspeitos e Apócrifos*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro. (Platão Diálogos, vol. VII).

PORTUGUESA. (1989). Sociedade Científica da Universidade Católica. *LOGOS*. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Cinco Volumes. Lisboa/São Paulo: Verbo.



Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo

Referências Bibliográficas

- ROBINSON, Thomas M. (2010). *As Origens da Alma*. Tradução de Alaya Dullius, Jonatas R. Alvares, Sandra Rocha, Diogo Saraiva, Paulo Nascimento, Daniel Fernandes e Mariana Belchior. Organização de Gabriele Cornelle. São Paulo: Annablume.
- ROSSETTI, Lívio. (2015). *O diálogo socrático*. Tradução de Janaína Mafra. São Paulo: Paulus.
- TIMOTIN, Andrei. (2012). *La démonologie platonicienne – Histoire de la notion de daimon de Platon aux deniers néoplatoniciens*. Leiden-Boston: Brill.
- TOVAR, Antonio. (1953). *Vida de Sócrates*. Madrid: Revista de Occidente.
- USTINOVA, Yulia. (2009). *Caves and ancient greek minds – Descending Underground in the Search for Ultimate Truth*. New York: Oxford University.
- VERNANT, Jean-Pierre. (2009). *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes.
- WOLFF, Francis. (1984). *Sócrates*. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Brasiliense.
- XENOFONTE. (1972). *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates. e Apologia de Sócrates*. Tradução de Líbero Rangel de Andrade. São Paulo: Editora Abril S. A. (Coleção Os Pensadores, V. II, pp.167 a 173).

Luiz Fernando Bandeira de Melo



Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo